



*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*

Tradução de Renato Carreira

UM TOQUE DE SANGUE

CHARLAINE HARRIS



*Para todos os leitores que desejam beber
Sookie até à última gota*



INTRODUÇÃO

Quando me pediram pela primeira vez que escrevesse um conto sobre a minha heroína Sookie Stackhouse, não soube se seria capaz. A vida e a história de Sookie são tão complexas que não percebi se conseguiria criar uma ficção curta coerente que lhe fizesse justiça.

Continuo sem ter certezas quanto a esse aspeto. Alguns esforços tiveram maior sucesso que outros. Tem sido difícil encaixar facilmente os contos na narrativa mais longa de Sookie. Por vezes, consegui fazê-lo. Noutras ocasiões, não. Nesta edição, tentei limar as arestas da história que mais me divertiu enquanto a escrevi, mas que não se encaixava no seu nicho cronológico, por mais que a martelasse (*Noite de Drácula*).

Pela ordem em que ocorrem na vida de Sookie, os contos são: *Pó de Fada* (publicado em *Powers of Detection*), *Noite de Drácula* (em *Many Bloody Returns*), *Resposta de Uma Palavra Só* (em *Bite*), *Sorte* (em *Unusu-*

al Suspects) e *Presente Embrulhado* (em *Wolfsbane and Mistletoe*).

Pó de Fada é sobre as fadas trigémeas, Claude, Claudine e Claudette. Depois de Claudette ser assassinada, Claude e Claudine procuram a ajuda de Sookie para encontrar o culpado. Claude adquire relevo nesta história. A acção de *Pó de Fada* decorre após os acontecimentos de *Sangue Oculto*.

Em *Noite de Drácula*, Eric convida Sookie para celebrar o aniversário de Drácula no Fangtasia, um evento anual que deixa Eric quase louco de antecipação, já que Drácula é o seu herói. Infelizmente, o «Drácula» que se revela na noite em questão poderá não ser o real. Eric celebra a *Noite de Drácula* antes dos eventos de *Sangue Furtivo*.

Após *Sangue Furtivo*, a notícia da morte da sua prima Hadley chega a Sookie em *Resposta de Uma Palavra Só*. Sookie é informada do falecimento de Hadley pelo Sr. Cataliades, um advogado meio demónio, acompanhado por um motorista odioso e trazendo um passageiro inesperado na sua limusina.

Sorte é uma história ligeira que decorre em Bon Temps no período que se seguiu a *Sangue Felino*. A bruxa Amelia Broadway e Sookie tentam descobrir quem sabota os agentes de seguros da cidade.

Na véspera de Natal, Sookie recebe uma visita que

não esperava em *Presente Embrulhado*. Está sozinha e sentindo alguma pena de si própria quando um lobisomem ferido lhe oferece um presente aprazível. Agrade-me que tenha tido um Natal tão interessante antes dos acontecimentos em *Sangue Mortífero*.

Diverti-me a escrever todos estes contos. Alguns são bastante ligeiros e outros são mais sérios. Mas todos revelam alguma pequena faceta da vida de Sookie e descrevem momentos que não registei nos livros. Espero que apreciem lê-los tanto como apreciei escrevê-los.

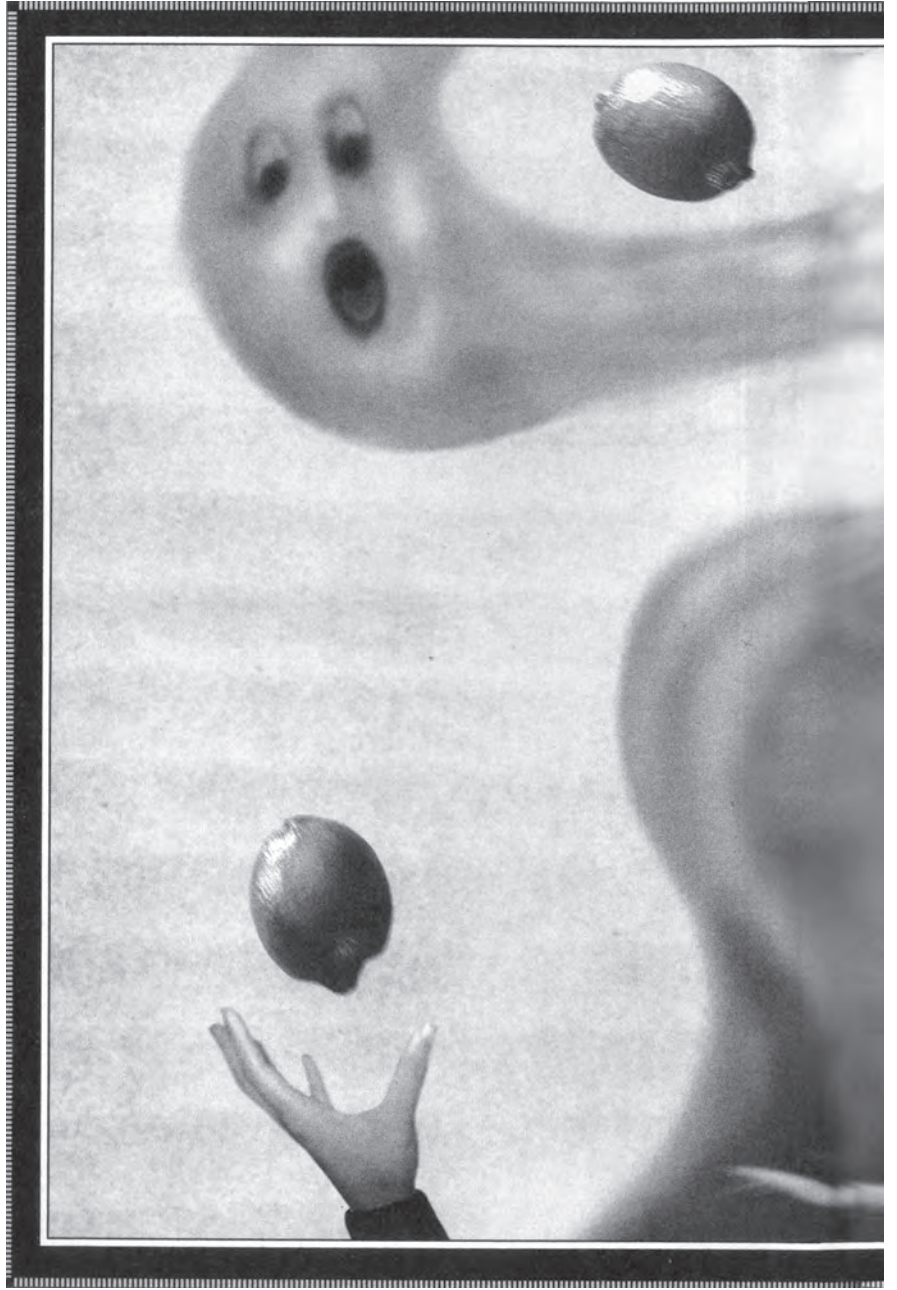
Que comece a diversão.

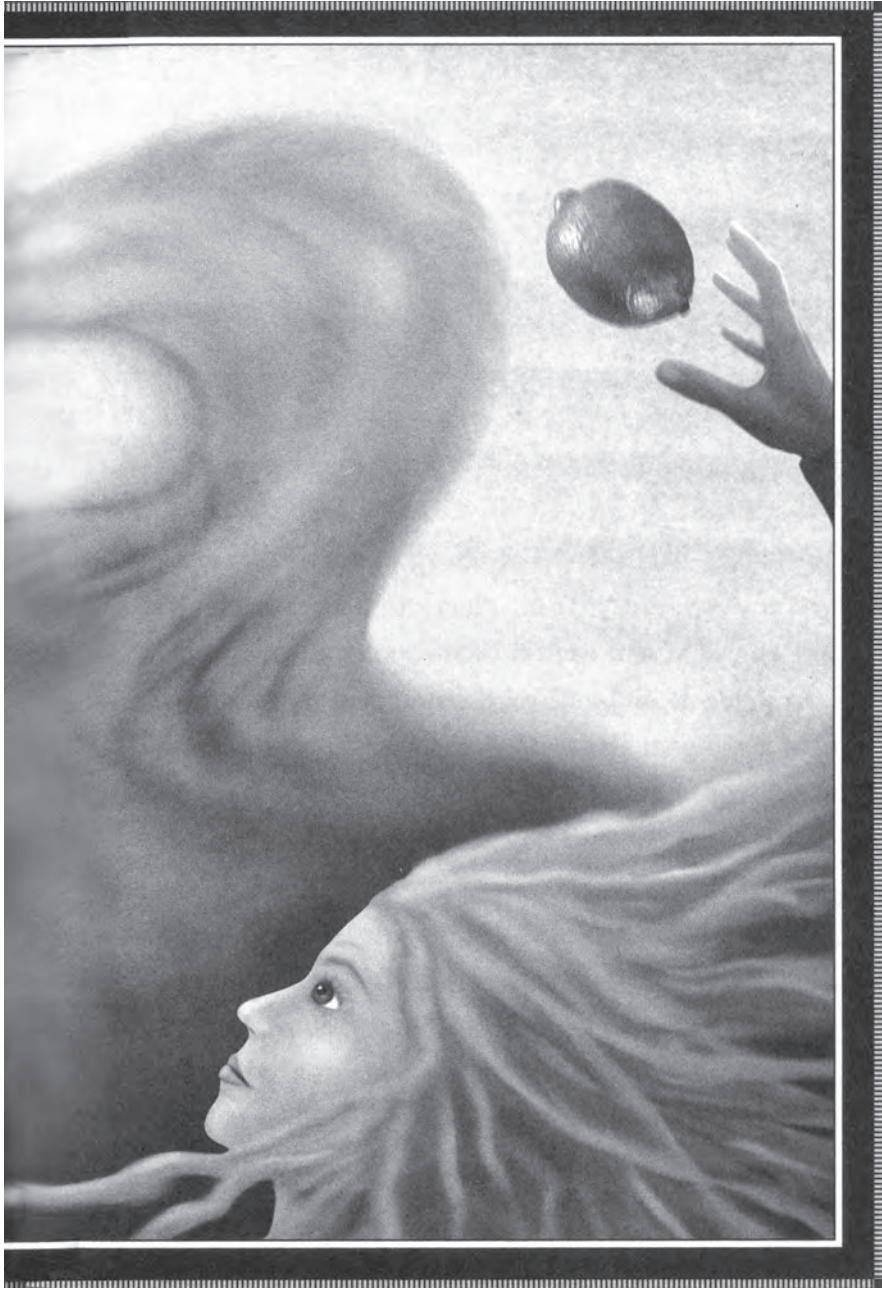
Charlaine Harris



PÓ DE FADA









O deio quando vêm fadas ao bar. Nunca dão gorjeta. Não por serem avarentas, mas porque se esquecem. Vejam o exemplo de Claudine, a fada que entrava naquele momento. Um metro e oitenta, cabelo negro longo, belíssima. Parecia nunca lhe faltar dinheiro ou roupa (e atraía homens como uma melancia atrai moscas). Mas dificilmente se lembrava de deixar um mísero dólar. E, à hora do almoço, leva-se a taça de rodelas de limão para a mesa. As fadas são alérgicas a limões e limas como os vampiros são alérgicos a prata e alho.

Naquela noite de primavera, quando Claudine entrou, encontrava-me já com péssima disposição. Estava zangada com o meu ex-namorado, Bill Compton, também conhecido como Vampiro Bill; com o meu irmão Jason por ter voltado a adiar ajudar-me a mudar um armário de sítio; e com a nota de cobrança do imposto urbano que me chegara à caixa de correio.

Quando Claudine se sentou a uma das mesas, arrastei os pés até ela com pensamentos miseráveis.

— Não há vampiros por perto? — perguntou, indo direta ao assunto. — Nem mesmo o Bill?

Os vampiros gostam de fadas como os cães gostam de ossos. Excelentes brinquedos, comida saborosa.

— Hoje não — respondi. — Bill está em Nova Orleães. Pediu-me que recebesse o seu correio — chamem-me parva.

Claudine descontraiu.

— Querida Sookie — disse.

— O que queres?

— Uma daquelas cervejas desagradáveis, suponho — disse, com uma careta. Claudine não gostava realmente de beber, apesar de apreciar bares. Como a maioria das fadas, adorava atenção e admiração. Sam, o meu patrão, disse-me que era uma das suas características.

Trouxe-lhe a cerveja.

— Tens um minuto? — perguntou. Franzi a testa. Claudine não parecia tão alegre como era habitual.

— À justa — da mesa junto à porta, ouvia gritos e tentativas frenéticas para me captar a atenção.

— Tenho um trabalho para ti.

Apesar de envolver lidar com Claudine, de quem gostava, mas em quem não confiava, fiquei interessada. Precisava de dinheiro.

- Que precisas que faça?
 - Preciso que venhas ouvir uns humanos.
 - Esses humanos estão dispostos a ser ouvidos?
- Claudine dirigiu-me um olhar inocente.
- Que queres dizer, querida?
- Odiava aquele jogo.
- Querem ser... hmm... ouvidos?
 - São convidados de Claude, o meu irmão.

Não sabia que Claudine tinha um irmão. Não sabia grande coisa sobre fadas. Claudine era a única que conhecera. Se era uma fada típica, não percebia como teriam conseguido evitar a erradicação. De qualquer forma, não me parecia que o Norte do Louisiana fosse muito hospitaleiro para com fadas. Aquela parte do estado era sobretudo rural e muito cristã. Bon Temps, a minha pequena cidade, nem tinha tamanho suficiente para ter o seu próprio Wal-Mart e não vira sequer um vampiro durante os dois primeiros anos após terem anunciado a sua existência e a intenção de viverem pacificamente entre nós. Talvez esse atraso tenha sido positivo, permitindo aos locais uma hipótese para se habituarem à ideia até ao aparecimento de Bill.

Mas sentia que a tolerância politicamente correta que demonstravam para com os vampiros desapareceria se os meus conterrâneos soubessem da existência de

lobisomens, metamorfos e fadas. E de outras criaturas que, por enquanto, me escapavam.

— Está bem, Claudine. Quando?

Os gritos na mesa de clientes agitados aumentavam de intensidade.

— Sookie Maluca! Sookie Maluca!

As pessoas só faziam aquilo quando tinham bebido de mais. Estava habituada, mas magoava, mesmo assim.

— A que horas saís esta noite?

Combinámos que Claudine me iria buscar a casa quinze minutos depois de sair do trabalho. Partiu sem terminar a cerveja. E sem deixar gorjeta.

O meu patrão, Sam Merlotte, indicou a porta com a cabeça depois de a ver sair.

— Que queria a fada? — Sam é um metamorfo.

— Precisa dos meus serviços.

— Onde?

— Suponho que será no sítio onde vive. Tem um irmão. Sabias?

— Queres que vá contigo? — Sam é um amigo, o tipo de amigo que, por vezes, motiva algumas fantasias.

Pornográficas.

— Obrigada, mas acho que consigo lidar com a Claudine.

— Não conhecestes o irmão.

— Vai correr tudo bem.

Estava habituada a ficar acordada de noite, não apenas por trabalhar num bar, mas também por ter namorado com Bill durante muito tempo. Quando Claudine me foi buscar à minha velha casa na floresta, tivera tempo para trocar a farda do Merlotte's por calças de ganga pretas e um conjunto de camisola e casaco verdes (saldos da JCPenney), porque a noite estava fresca. Libertara o cabelo do rabo-de-cavalo.

— Deverias vestir azul em vez de verde — disse Claudine. — Para combinar com os teus olhos.

— Obrigada pela dica de moda.

— De nada — Claudine pareceu feliz por partilhar comigo o seu sentido de estilo pessoal. Mas o sorriso, habitualmente tão radioso, estava algo triste.

— Que queres que descubra na mente dessas pessoas? — perguntei.

— Falaremos quando chegarmos — respondeu. Depois disso, não me disse mais nada durante a viagem para leste. Normalmente, Claudine era muito faladora. Começava a sentir que não tinha sido boa ideia aceitar aquele trabalho.

Vivia com o irmão numa grande casa de estilo rancheiro nos subúrbios de Monroe, uma cidade que, além de ter um Wal-Mart próprio, tinha também um centro comercial completo. Bateu à porta com cadênciada ensaiada. Após um minuto, a porta abriu-se. Arregalei

os olhos. Claudine não referira que o irmão era seu gêmeo.

Se Claude vestisse a roupa da irmã, poderia passar por ela. Era perturbador. O cabelo era mais curto, mas não muito. Tinha-o preso na nuca, sem deixar de cobrir as orelhas. Os ombros eram mais largos, mas não conseguia ver vestígios de barba, mesmo àquela hora da noite. Talvez as fadas masculinas não tivessem pelos no corpo? Claude parecia um modelo de roupa interior da *Calvin Klein*. Aliás, se o estilista ali estivesse, teria assinado contrato com os dois gêmeos sem precisar de pensar. E o contrato estaria ensopado em baba.

Claude deu um passo atrás para nos permitir entrar.

— É esta? — perguntou a Claudine.

Respondeu-lhe com um aceno afirmativo.

— Sookie, Claude, o meu irmão.

— Um prazer — disse-lhe. Estendi a mão. Com alguma surpresa, apertou-a e sacudiu-a. Olhou a irmã. — Não demonstra a desconfiança que seria recomendável.

— Humanos — disse Claudine, encolhendo os ombros.

Claude conduziu-me por uma sala muito convencional, percorrendo um corredor revestido com painéis de madeira e chegando a uma divisão em que um homem se sentava numa cadeira, por não ter outra hipó-

tese. Estava atado com o que parecia ser corda de *nylon*. Era baixo, musculado, louro e com olhos castanhos. Parecia rondar os meus vinte e seis anos.

— Ei — disse, não gostando do guincho agudo em que a minha voz se tornou. — Porque ataram este homem?

— Se não o fizéssemos, fugiria — explicou Claude, surpreso.

Cobri a cara com as mãos por um segundo.

— Ouçam, vocês dois. Não me importo de ler os pensamentos deste tipo se tiver feito alguma coisa mal ou se quiserem eliminá-lo como suspeito de um crime de que sejam as vítimas. Mas, se quiserem apenas descobrir se está apaixonado por vós ou alguma coisa ridícula desse género... Qual é o objetivo?

— Acreditamos que matou Claudette, a nossa irmã gémea.

Quase disse: «Eram três?» Mas percebi que não era esse o elemento mais importante na informação que me fora transmitida.

— Acham que assassinou a vossa irmã.

Claudine e Claude acenaram afirmativamente em unísono.

— Esta noite — acrescentou Claude.

— Muito bem — murmurei, curvando-me sobre o louro. — Vou tirar a mordação.

Pareceram os dois contrariados, mas fiz deslizar o lenço pelo pescoço do homem abaixo. Disse:

— Não fui eu.

— Ótimo. Sabes o que sou?

— Não. Não és uma coisa como eles, pois não?

Não sabia o que achava que Claude e Claudine eram. Não sabia que dom sobrenatural lhe tinham manifestado. Puxei o cabelo para lhe mostrar que tinha orelhas redondas e não pontiagudas. Mesmo assim, não pareceu tranquilizado.

— És uma vampira? — perguntou.

Mostrei-lhe os dentes. Os caninos apenas se alongavam quando os vampiros se sentiam excitados por sangue, pelo confronto ou pelo sexo, mas eram consideravelmente mais afiados mesmo quando retraídos. Os meus caninos eram bastante normais.

— Sou apenas uma humana comum — disse. — Bom, não é bem verdade. Consigo ler os teus pensamentos.

Pareceu aterrado.

— Que receias? Se não mataste ninguém, não tens nada a temer — falei-lhe com voz terna, com palavras que eram como manteiga derretendo sobre uma maçã quente.

— Que querem fazer-me? E se te enganares e lhe disseres que fui eu? Que me farão?

Boa pergunta. Olhei os dois irmãos.

— Matamo-lo e comemo-lo — respondeu Claudine, com um sorriso encantador. Quando o louro moveu o olhar dela para Claude, com os olhos muito abertos e assustados, Claudine piscou-me o olho.

Tanto quanto sabia, Claudine poderia falar a sério. Não me lembrava se alguma vez a vira comer. Pisávamos terreno perigoso. Tento defender a minha espécie sempre que possível. Ou, pelo menos, tento conseguir que saiam vivos das situações.

Deveria ter aceitado a proposta de Sam.

— Este homem é o único suspeito? — perguntei aos gémeos. (Pensei se deveria chamar-lhes gémeos. Seria mais adequado pensar neles como dois terços de trigémeos. Não. Complicado demais.)

— Não. Temos outro na cozinha — disse Claude.

— E uma mulher na despensa.

Noutras circunstâncias, teria sorrido.

— Porque têm a certeza de que a Claudette está morta?

— Visitou-nos em espírito e disse-nos que sim — Claude parecia surpreso. — É um ritual associado à morte entre os nossos.

Recompus-me, tentando pensar em perguntas inteligentes.

— Quando isso acontece, o espírito partilha alguma das circunstâncias da morte?

— Não — respondeu Claudine, abanando a cabeça e fazendo mover o cabelo longo e negro. — É mais como uma última despedida.

— Encontraram o corpo?

Pareceram enojados.

— Eclipsamo-nos — explicou Claude, sobranceiro.

Lá se iam as possibilidades de examinar o cadáver.

— Podem dizer-me onde estava a Claudette quando... hmm... se eclipsou? — perguntei. — Quanto mais souber, melhores perguntas poderei fazer — ler mentes não é simples. Fazer as perguntas certas é a chave para invocar um pensamento relevante. A boca pode dizer qualquer coisa. A cabeça nunca mente. Mas, se não se fizer a pergunta certa, o pensamento certo poderá não surgir.

— Claudette era dançarina exótica no Hooligans, tal como Claude — explicou Claudine, orgulhosa, como se anunciasse que integravam a equipa olímpica.

Nunca conhecera *strippers* antes, masculinos ou femininos. Percebi que estava bastante interessada em ver Claude despir-se, mas forcei-me a concentrar na falecida Claudette.

— A Claudette trabalhou na noite passada?

— Coube-lhe receber o dinheiro das entradas. Era a *ladies' night* no Hooligans.

— Ah. Está bem. Então, e tu... hmm... atuavas? — perguntei a Claude.

— Sim. Fazemos dois espetáculos na *ladies' night*.
Eu sou o pirata.

Tentei reprimir a imagem mental.

— E este homem? — indiquei o louro com a cabeça. Mostrava-se muito contido, não implorando nem choramingando.

— Também sou *stripper* — disse. — Sou o polícia.

Muito bem. Teria de enfiar a imaginação numa caixa e sentar-me em cima dela.

— E o teu nome?

— Barry Barbeiro é o meu nome artístico. O nome verdadeiro é Ben Simpson.

— Barry Barbeiro? — repeti, intrigada.

— Gosto de barbear as pessoas.

Tive um momento de incompreensão. A seguir, senti-me corar quando percebi que não se referia a barbear caras.

— E quem são os outros dois? — perguntei aos gémeos.

— A mulher na despensa chama-se Rita Child. É a dona do Hooligans — explicou Claudine. — E o homem na cozinha é Jeff Puckett. O porteiro.

— Porque escolheram estes três entre todos os funcionários do Hooligans?

— Porque discutiram com Claudette. Era uma mulher dinâmica — afirmou Claude, muito sério.

— Dinâmica uma merda — exclamou Barry, *o Barbeiro*, provando que o tato não era pré-requisito para trabalhar como *stripper*. — Aquela mulher era o inferno em forma de gente.

— A sua personalidade não é relevante para determinar quem a matou — referi, calando-o. — Apenas indicará o motivo. Continua, por favor — pedi a Claude. — Onde estavam os três? E onde estavam as pessoas que trouxeram para aqui?

— Claudine estava em casa, cozinhando o jantar para os três. Trabalha no apoio a clientes da Dillard's — seria muito competente. O seu encanto inabalável conseguiria tranquilizar qualquer cliente irado. — Como disse, Claudette deveria receber o dinheiro das entradas — continuou Claude. — Barry e eu participámos nos dois espetáculos. Rita guardava sempre a receita do primeiro espetáculo no cofre para que Claudette não ficasse à porta com muito dinheiro. Fomos roubados um par de vezes. Jeff sentava-se atrás de Claudette, numa pequena cabina do lado de dentro da porta principal.

— Quando desapareceu a Claudette?

— Pouco após ter começado o segundo espetáculo. Rita diz que recebeu o dinheiro de Claudette e o levou para o cofre e que Claudette continuava no seu posto quando regressou. Mas odiava-a porque estava prestes a trocar o Hooligans pelo Foxes e levar-me-ia consigo.

— O Foxes é outro clube? — Claude acenou afirmativamente. — Porque partiam?

— Melhor pagamento. Camarins maiores.

— Muito bem. Seria essa a motivação da Rita. E a do Jeff?

— Jeff e eu estávamos envolvidos — disse Claude. (O navio de piratas da minha fantasia afundou-se.) — Claudette disse-me que tinha de acabar com tudo porque conseguiria encontrar melhor.

— E aceitaste o seu conselho sobre a tua vida amorosa?

— Era a mais velha, por vários minutos — limitou-se a dizer. — Mas am... gosto bastante dele.

— E tu, Barry?

— Arruinou o meu número — afirmou Barry, cabisbaixo.

— Como?

— Gritou: «É pena que o teu cassetete não seja maior!» quando terminava.

Parecia-me que a morte de Claudette seria inevitável.

— Muito bem — disse, formulando um plano de ação. Ajoelhei-me diante de Barry. Pousei a mão no seu braço e senti-o encolher-se. — Que idade tens?

— Vinte e cinco — respondeu. Mas a mente forneceu-me outra resposta.

— Não está certo, pois não? — perguntei, mantendo a voz gentil.

Tinha um bronzado magnífico, quase tão bom como o meu, mas vi-o empalidecer.

— Não — respondeu, num sussurro forçado. — Tenho trinta.

— Não fazia ideia — disse Claude. Claudine mandou-o calar.

— E porque não gostavas da Claudette?

— Insultou-me à frente do público — respondeu. — Já te disse.

A imagem na sua mente era bastante diferente.

— Em privado? Disse-te alguma coisa em privado? — ler mentes não é como ver televisão. As pessoas não relacionam as coisas mentalmente como fariam se contassem uma história a alguém.

Barry pareceu envergonhado e ainda mais furioso.

— Sim, em privado. Dormíamos há algum tempo e, um dia, deixou de estar interessada.

— Explicou-te porquê?

— Disse-me que... não era adequado.

Não usara aquela frase. Senti embaraço ao ouvir na sua mente as palavras usadas.

— O que fizeste entre um espetáculo e outro esta noite, Barry?

— Tivemos uma hora de intervalo. Barbeeí dois clientes.

— Pagam-te para isso?

— Claro — sorriu, mas não como se achasse piada a alguma coisa. — Achas que rapava as virilhas de alguém que não conheço se não me pagassem? Mas há todo um ritual. Finjo que me excita. Pagam-me cem dólares.

— Quando viste a Claudette?

— Quando saí para esperar a minha primeira cliente. Estava junto à cabina com o namorado. Disse-lhes que os esperaria aí.

— Falaste com a Claudette?

— Não. Só olhei para ela — parecia triste. — Vi a Rita. Ia a caminho da cabina com o saco do dinheiro. E vi o Jeff. Estava sentado no banco no fundo da cabina, onde costuma ficar.

— A seguir, regressaste para barbear a cliente?

Acenou afirmativamente.

— Quanto tempo demoras?

— Normalmente, trinta ou quarenta minutos. Marcar dois clientes foi arriscado, mas funcionou. Faço-o no camarim e os outros tipos têm o cuidado de não entrar.

Ficava mais descontraído, com os pensamentos na sua cabeça acalmando-se e fluindo com maior facilidade. A primeira cliente fora uma mulher tão magra que achou que morreria enquanto a rapava. Achava-se bela

e era óbvio que lhe agradava mostrar o seu corpo. O namorado excitou-se com tudo aquilo.

Ouvi Claudine movendo-se atrás de mim, mas mantive os olhos fechados e as mãos sobre as mãos de Barry, vendo o segundo «cliente», um homem. A seguir, vi a sua cara. Ai. Era alguém que conhecia. Um vampiro chamado Maxwell Lee.

— Havia um vampiro no bar — disse, sem abrir os olhos. — Barry, o que fez quando acabaste de o barbear?

— Foi-se embora — respondeu Barry. — Vi-o sair pela porta dos fundos. Tenho sempre o cuidado de garantir que os clientes saem dos camarins. Só assim a Rita me autorizou a fazê-lo no clube.

Claro que Barry não conhecia o problema das fadas com os vampiros. Alguns vampiros revelam menos controlo com fadas por perto do que outros. As fadas eram fortes, mais fortes do que humanos, mas os vampiros eram mais fortes do que qualquer criatura no mundo.

— E não regressaste à cabina para falar novamente com a Claudette?

— Não voltei a vê-la.

— Diz a verdade — disse, voltando-me para Claudine e Claude. — Tanto quanto sabe — havia outras perguntas que poderia colocar, mas, depois da primeira “leitura”, concluí que Barry não sabia nada sobre o desaparecimento de Claudette.

Claude levou-me à despensa, onde Rita Child esperava. Era uma despensa espaçosa, muito arrumada, mas não fora concebida para alojar duas pessoas em simultâneo, estando uma delas presa com adesivo a uma cadeira giratória de escritório. Além disso, Rita era uma mulher substancial. Tinha a aparência que esperaria da proprietária de um clube de *strip*. Muito maquilhada, morena pintada, enfiada num vestido desafiador com roupa interior de alta tecnologia que apertava e suportava os pontos certos para lhe conferir uma silhueta provocante.

Além disso, estava furiosa. Pontapeou na minha direção com um salto alto que me teria cegado um olho se não tivesse dado um salto para trás enquanto me ajoelhava à sua frente. Caí sobre o traseiro de forma nada graciosa.

— Nada disso, Rita — disse Claude, calmamente. — Não mandas aqui. A casa é nossa — ajudou-me a levantar e sacudiu-me o fundo das calças com um gesto impessoal.

— Apenas queremos saber o que aconteceu à nossa irmã — explicou Claudine.

Rita produziu sons abafados pela mordança. Não pareciam sons conciliatórios. Depreendi que não lhe importasse minimamente qual tinha sido o motivo para os gémeos a raptarem, prendendo-a na despensa. A mor-

daça era improvisada com um pedaço de adesivo em vez de pano e, depois do ataque tentado, agradou-me arrancá-la.

Rita chamou-me alguns nomes alusivos às minhas raízes familiares e retidão moral.

— Diz o roto ao nu — disse-lhe, quando fez uma pausa para respirar. — Agora ouve-me! Não admito que me fales assim. Quero que te cales e respondas às minhas perguntas. Parece-me que não percebes bem a gravidade da tua situação.

A proprietária do clube acalmou um pouco depois daquilo. Continuava a fixar em mim olhos castanhos e estreitos cheios de ódio e forçando o adesivo que a prendia, mas parecia compreender um pouco melhor.

— Vou tocar-te — disse-lhe. Receava que mordesse se lhe tocasse o ombro nu e, por isso, pousei-lhe a mão no antebraço, imediatamente acima do ponto em que os pulsos estavam presos aos braços da cadeira giratória.

A sua mente era um labirinto de fúria. Não pensava com clareza por estar tão zangada e toda a sua energia mental se focava em amaldiçoar e insultar os gémeos e a também a mim. Suspeitava de que fosse algum tipo de assassina sobrenatural e decidi que não seria prejudicial se me receasse durante alguns momentos.

— Quando viste a Claudette esta noite? — perguntei.

— Quando fui buscar o dinheiro do primeiro espetáculo — rosnou e, com clareza, vi a mão de Rita estendendo-se e uma mão longa e branca passando-lhe uma bolsa de vinil com o fecho corrido. — Estive a trabalhar no meu gabinete durante o espetáculo. Mas costumo ir buscar o dinheiro no fim. Se formos assaltados, não perdemos tudo.

— Deu-te a bolsa com o dinheiro e afastaste-te?

— Sim. Fui guardar o dinheiro no cofre e não saí até ao fim do segundo espetáculo. Não voltei a vê-la.

Pareceu-me que dizia a verdade. Não conseguia captar outro vislumbre de Claudette na cabeça de Rita. Mas via muita satisfação com a sua morte e uma determinação violenta em manter Claude no seu clube.

— Pretendes ir para o Foxes mesmo com a morte da Claudette? — perguntei-lhe, tentando obter uma resposta que pudesse revelar um pensamento escondido na mente de Rita.

Claude baixou o olhar para mim, surpreso e enojado.

— Não tenho tido tempo para pensar no que virá — ripostou. — Acabo de perder a minha irmã.

Foi como se a mente de Rita saltasse de alegria. Estava perdida por Claude. E, vendo a questão pelo lado prático, era um grande chamariz para o Hooligans porque, até em noites fracas, conseguia engendrar alguma

magia que motivasse as clientes a abrir os cordões à bolsa. Claudette não se mostrara tão disposta a usar o seu poder em benefício de Rita, mas Claude nem pensara duas vezes. Usar os seus dotes natos de fada para atrair admiradores era, para Claude, uma forma de reforçar o ego e tinha muito pouco que ver com lucro.

Captei tudo aquilo na cabeça de Rita num ápice.

— Está bem — disse, erguendo-me. — Não tenho mais nada a perguntar.

Ficou aliviada.

Sáímos da despensa e fomos para a cozinha, onde me esperava o último suspeito de homicídio. Tinha sido enfiado debaixo da mesa e tinha um copo à sua frente com uma palha que lhe permitia curvar-se e beber. Ser um ex-amante valia tratamento especial a Jeff Puckett. Nem sequer tinha a boca coberta.

Movi o olhar de Claude para Jeff, tentando perceber. Jeff tinha um bigode castanho-claro que precisava de ser aparado e barba de dois dias. Os olhos eram estreitos e cor de avelã. Tanto quanto conseguia perceber, parecia em melhor forma do que alguns dos porteiros que conhecia e era mais alto do que Claude. Mas não me impressionou e pensei, possivelmente pela milionésima vez, que o amor era estranho.

Claude estava visivelmente preparado para o pior quando se voltou para o seu antigo amante.

— Estou aqui para descobrir o que sabes sobre a morte da Claudette — disse-lhe, porque não teria ouvido o que dissera a Rita. — Sou telepata e vou tocar-te enquanto te faço algumas perguntas.

Jeff acenou afirmativamente. Estava muito tenso. Fixava os olhos em Claude. Ergui-me atrás dele, por estar enfiado debaixo da mesa, e coloquei as mãos sobre os ombros largos. Afastei um pouco a camisola, o suficiente para lhe tocar o pescoço com o polegar.

— Jeff, conta-me o que viste esta noite — pedi.

— A Claudette veio recolher o dinheiro das entradas para o primeiro espetáculo — disse. Tinha a voz mais aguda do que esperara e não era dali. Pareceu-me que seria da Florida. — Não a suportava porque se envolveu na minha vida pessoal e não queria estar perto dela. Mas foi o que a Rita me mandou fazer e obedeci. Sentei-me no banco e vi-a receber o dinheiro e guardá-lo no saco. Colocava algum numa gaveta para fazer trocos.

— Algum dos clientes deu problemas?

— Não. Era a *ladies' night* e as mulheres não dão problemas quando entram. Mas deram durante o segundo espetáculo. Tive de puxar do palco uma rapariga que se entusiasmou demais com o nosso trabalhador da construção civil. Mas, fora isso, passei o tempo quase todo sentado a ver.

— Quando desapareceu a Claudette?

— Quando voltei ao meu lugar, depois de levar a rapariga de volta à mesa, a Claudette não estava lá. Olhei à volta, tentando encontrá-la, e fui perguntar à Rita se lhe tinha dito alguma coisa sobre fazer uma pausa. Até verifiquei na casa de banho das senhoras. Foi só quando voltei à cabina que vi aquela treta brilhante.

— Que treta brilhante?

— O que resta quando nos eclipsamos — murmurou Claude. — Pó de fada.

Tê-lo-iam varrido para um recipiente? Tê-lo-iam guardado? Seria provavelmente indelicado perguntar.

— Quando dei por mim, o segundo espetáculo tinha acabado e o clube fechava. Fui procurar nos bastidores e por toda a parte e não vi sinais da Claudette. Depois, o Claude e a Claudine trouxeram-me para aqui.

Não parecia grandemente irritado.

— Sabes alguma coisa sobre a morte da Claudette?

— Não. Gostava de saber. Sei que é difícil para o Claude — fixava o olhar em Claude e Claude retribuía.

— Separou-nos, mas já não está entre nós.

— Preciso de saber — disse Claude, entre dentes cerrados.

Pela primeira vez, pensei no que fariam os gémeos se não conseguissem descobrir o culpado. E esse pensa-

mento assustador forçou-me o cérebro a um turbilhão de atividade.

— Claudine — chamei. Claudine entrou, trazendo uma maçã na mão. Sentia fome e parecia cansada. Não me surpreendia. Teria trabalhado durante o dia todo e ali estava, acordada durante toda a noite, chorando a perda da irmã. — Podes trazer a Rita para aqui? — perguntei. — Claude, podes trazer o Barry?

Quando todos se reuniram na cozinha, disse:

— Tudo o que vi e ouvi parece indicar que a Claudette desapareceu durante o segundo espetáculo — após um segundo de ponderação, todos acenaram afirmativamente. Barry e Rita voltavam a ter a boca coberta e pareceu-me que isso era positivo. — Durante o primeiro espetáculo — comecei, falando devagar para ter a certeza de que não falhava —, a Claudette recebeu o dinheiro. O Claude estava no palco. O Barry estava nos bastidores. Mesmo quando não estava no palco, não veio até à cabina. A Rita estava no seu gabinete.

Acenos afirmativos em redor.

— No intervalo entre os espetáculos, o clube esvaziou.

— Sim — disse Jeff. — O Barry veio esperar os seus clientes e verifiquei que não tinha ficado ninguém dentro do clube.

— Então, saíste da cabina durante um instante.

— Bom... sim... suponho que sim. Faço-o com frequência. Nem sequer pensei nisso.

— Também durante o intervalo, a Rita veio receber a bolsa com o dinheiro das mãos da Claudette.

Rita acenou com a cabeça enfaticamente.

— Quando o intervalo chegou ao fim, os clientes do Barry partiram — Barry acenou com a cabeça. — E tu, Claude?

— Eu fui comer qualquer coisa — explicou. — Não posso comer muito antes de dançar, mas tive de comer qualquer coisa. Voltei e Barry estava sozinho, preparando-se para o segundo espetáculo. Também me preparei.

— Eu voltei para o meu lugar — disse Jeff. — A Claudette estava de volta ao guiché. Tinha a gaveta dos trocos aberta e o carimbo das entradas e a bolsa do dinheiro por perto. Continuava sem me dirigir a palavra.

— De certeza que era a Claudette? — perguntei, do nada.

— Não era a Claudine, se é a isso que te referes — disse. — A Claudine é tão doce como a Claudette era azeda. E até se sentam de forma diferente.

Claudine pareceu agradada e lançou o caroço da maçã ao lixo. Sorriu, perdoando-me por fazer perguntas sobre ela.

A maçã.

Claude abriu a boca para falar, parecendo impaciente. Ergui a mão. Manteve-se calado.

— Vou pedir à Claudine para vos tirar as mordanças — disse, olhando Rita e Barry. — Mas não quero que falem a não ser que vos faça uma pergunta, está bem? — ambos acenaram afirmativamente.

Claudine retirou as mordanças enquanto Claude me olhava com desagrado.

Os pensamentos atropelavam-se na minha cabeça em debandada.

— Que fez a Rita com a bolsa do dinheiro?

— Depois do primeiro espetáculo? — Jeff pareceu intrigado. — Hmm... Já te disse. Levou-a consigo.

Soaram alarmes mentais. Percebi que estava no caminho certo.

— Disseste que, quando viste a Claudette à espera de receber o dinheiro das entradas para o segundo espetáculo, tinha tudo pronto.

— Sim. E então? Tinha o carimbo para marcar as mãos, a gaveta dos trocos aberta e a bolsa — disse Jeff.

— Certo. Precisava de uma segunda bolsa para o segundo espetáculo. A Rita levava a primeira. Quando veio buscar o dinheiro, trazia a segunda bolsa na mão, não é?

Jeff tentou recordar-se.

— Hmm... Calculo que sim.

— E então, Rita? — perguntei. — Trouxeste a segunda bolsa?

— Não — respondeu. — Havia duas na cabina no início da noite. Levei apenas a que estava cheia. Tinha uma vazia para o dinheiro do segundo espetáculo.

— Barry, viste a Rita dirigir-se à cabina?

O *stripper* louro pensou freneticamente. Sentia o palpitar de cada ideia na minha cabeça.

— Levava qualquer coisa na mão — disse, por fim. — Tenho a certeza.

— Não — guinchou Rita. — Já lá estava!

— Qual é a importância da bolsa, afinal? — perguntou Jeff. — É só uma bolsa em vinil com um fecho como as que nos dão no banco. Como poderia isso ferir a Claudette?

— E se o interior tivesse sido esfregado com sumo de limão?

As duas fadas encolheram-se, com expressão horrorizada.

— Chegaria para matar a Claudette? — perguntei-lhes.

Claude disse:

— Sim. Era particularmente sensível. O cheiro a limão bastava para a fazer vomitar. Passou muito mal num dia em que fomos buscar roupa à lavandaria até descobrirmos que os lençóis cheiravam a limão. E tinha

de ser Claudine a ir às compras por haver tantas coisas com o maldito cheiro.

Rita começou a gritar. Era um guincho agudo e arrastado que fazia lembrar o alarme de um carro e que parecia não ter fim.

— Juro que não fui eu! — disse. — Não fui! Não fui! — mas a sua mente dizia: «Apanhada, apanhada, apanhada, apanhada.»

— Sim, foste tu — disse-lhe.

Os irmãos sobreviventes posicionaram-se diante da cadeira giratória.

— Transfere-nos a propriedade do clube — disse Claude.

— O quê?

— Entrega-nos o clube. Pagamos-te um dólar por ele.

— Porque faria uma coisa dessas? Não há cadáver! Não podem ir à polícia! Que dirão? «Somos fadas e somos alérgicas a limão.» — riu-se. — Quem acreditará nisso?

Barry repetiu, com voz débil.

— Fadas?

Jeff não disse nada. Não sabia que os trigêmeos eram alérgicos a limão. Não percebera que o seu amante era uma fada. A espécie humana preocupa-me.

— O Barry devia ir — sugeri.

Claude pareceu despertar de um transe. Olhara Rita como um gato olharia um canário.

— Adeus, Barry — disse, educadamente, enquanto libertava o *stripper*. — Vemo-nos no clube amanhã à noite. Será a nossa vez de receber o dinheiro das entradas.

— Hmm... certo — replicou Barry, pondo-se de pé.

A boca de Claudine não parara de se mover e a face de Barry descontraiu com uma expressão neutra.

— Vemo-nos depois. Bela festa — disse, jovialmente.

— Foi um prazer conhecer-te, Barry — disse-lhe.

— Vem ver o uma noite destas — acenou-me e saiu, com Claudine acompanhando-o até à porta da frente. Regressou num ápice.

Claude ocupara-se a libertar Jeff. Beijou-o e disse:

— Ligo-te em breve.

A seguir, empurrou-o gentilmente em direção à porta dos fundos. Claudine repetiu o encanto e a expressão de Jeff descontraiu, libertando-se por completo da tensão.

— Também me vão enfeitiçar? — perguntei, com a voz tornando-se um pouco mais aguda.

— Aqui está o teu dinheiro — disse Claudine. Pegou-me na mão. — Obrigada, Sookie. Suponho que conseguirás recordar isto, hmm, Claude? Tem sido

tão bondosa! — senti-me como um cachorrinho que se tivesse lembrado de não sujar o tapete.

Claude olhou-me por um minuto, pensativo, e acenou afirmativamente. Voltou-se para Rita, que aproveitara a pausa para acalmar um pouco o seu pânico.

Claude fez surgir um contrato do nada.

— Assina — ordenou. Passei-lhe uma caneta que encontrara no balcão, por baixo do telefone.

— Aceitam o clube como pagamento pela vida da vossa irmã — disse Rita, parecendo-me que escolhia um momento péssimo para expressar a sua incredulidade.

— Claro.

Fixou olhares de desprezo nas duas fadas. Fazendo brilhar os anéis com o reflexo da luz, pegou na caneta e assinou o contrato. Ergueu-se, alisou o vestido sobre as ancas redondas e elevou o queixo.

— Vou andando — disse. — Tenho outro clube em Baton Rouge. Viverei lá.

— Começa a correr — disse-lhe Claude.

— O quê?

— É melhor começares a correr. Deves-nos dinheiro e uma caçada pela morte da nossa irmã. Temos o dinheiro. Ou, pelo menos, um meio de o obter — apontou o contrato. — Agora, falta-nos a caçada.

— Não é justo.

Aquilo conseguiu incomodar-me.

— O conceito de justiça é algo nebuloso para as fadas — Claudine impunha respeito. Não se mostrava doce, nem aérea. — Se conseguires escapar-nos durante um ano, merecerás viver.

— Um ano! — a situação de Rita parecia tornar-se cada vez mais real a seus olhos. Começava a parecer desesperada.

— Contando a partir de... agora — Claude ergueu os olhos do relógio. — É melhor ires. Damos-te uma vantagem de quatro horas.

— Apenas por diversão — acrescentou Claudine.

— Ah. Rita? — disse Claude, enquanto esta se dirigia para a porta. Parou e olhou-o.

Claude sorriu-lhe.

— Não usaremos limões.

NOITE DE DRÁCULA

